

apresentação

A volta das escritas da memória é um dos fenômenos culturais e políticos mais surpreendentes da contemporaneidade. Como comenta Beatriz Sarlo, quando as modalidades discursivas, construídas a partir de perspectivas desconstrucionistas que preconizavam “a morte do sujeito”, pareciam completamente estabelecidas, surgiu um novo movimento de valorização da experiência vivida que poderia ser denominado de “o sujeito ressuscitado”. Os ensaios, reunidos na revista *Scripta Uniandrade*, v. 12, n. 1, dossiê temático “Textualidades memorialísticas”, apesar de bastante diversos, têm em comum reflexões que se pautam em torno de escritas do “eu” que reemergiram na contemporaneidade. Além de artigos sobre memória e história, memória cultural e memória arqueológica, o presente volume também inclui textos sobre (auto)biografia e autoficção, cujas fronteiras são tênues e indefinidas.

O ensaio de abertura de Solange Ribeiro de Oliveira, intitulado “Arte e memória cultural: construções e questionamentos”, mostra a importância das artes visuais na construção da memória cultural de uma nação, bem como a possibilidade de questionamento que esses textos pictóricos oferecem. A autora trata dessa temática no contexto brasileiro, abordando aspectos controversos em testemunhos históricos de Victor Meirelles e Pedro Américo para, em seguida, debruçar-se sobre a pintura contemporânea de Adriana Varejão que pode ser vista como um contradiscurso da visão da cultura brasileira retratada nas aquarelas de Jean-Baptiste Debret. No artigo seguinte, “Sobrevivendo à barbárie: a tortura verbalizada através de memórias”, Paulo Bungart Neto discute narrativas memorialísticas de escritores brasileiros que sofreram torturas no período de terror da ditadura militar brasileira e que, décadas depois, relatam a crueldade dos métodos, utilizados pela polícia militar, para forçar os militantes a delatar líderes de grupos armados e organizações clandestinas.

Um estudo de fragmentos dos romances de Pedro Nava e Marcel Proust, com ênfase no capítulo “Um amor de Swann”, de *Do caminho de Swann*, de Proust, e em “Paraibuna”, do *Baú de ossos*, de Nava, constitui o foco de análise de Cid Ottoni Bylaardt e Saulo Araújo Lemos, em “Proust,

Nava e arqueologias da ficção”. Com base em considerações críticas de Phillipe Lejeune e Maurice Blanchot, os autores discutem questões identitárias e implicações sobre o real e a ficção na obra de Nava. E, no artigo “As memórias de si: a subjetividade na literatura brasileira contemporânea”, Pauliane Amaral e Rauer Ribeiro Rodrigues argumentam que recentes pesquisas apontam a predominância de escrituras centradas no “eu” na produção literária nacional dos últimos anos. Os autores analisam a “retomada do eu” em textos de Luiz Vilela, Cristovão Tezza, Ivana Arruda Leite e Alciene Ribeiro Leite, com o intuito de verificar se a autorreferência ocupou o lugar dos debates de relevância social e política na atual produção literária brasileira.

A peça *Pode ser que seja só o leiteiro lá fora* é examinada, sob o viés autoficcional, por Ricardo Augusto de Lima, em “Autoficção como recurso metateatral em Caio Fernando de Abreu”. O autor salienta que o teatro de Abreu, baseado em situações empíricas ficcionalizadas, apresenta uma singularidade: a autoficção torna-se recurso metateatral, responsável por quebrar a ilusão dramática. Vanessa Cianconi Vianna Nogueira, por sua vez, demonstra como o teatro atualiza a memória histórica em “O resto não é silêncio: guerra e distopia fantasmagórica em *A Bright Room Called Day*, de Tony Kushner”. A pesquisadora discute a função crítica da peça de Kushner ao aprofundar temas como a barbárie e a perda da consciência histórica.

O texto de Leila Assumpção Harris e Bruno Ferrari, intitulado *¿Verdad o puro cuento? As tessituras da memória em Caramelo, de Sandra Cisneros*”, discorre sobre o engajamento da escritura latino-americana no desenvolvimento de uma literatura memorialística de resistência, cujo intuito é conscientizar o leitor a respeito de problemas enfrentados por grupos que vivem às margens da sociedade. Os autores analisam o romance *Caramelo*, no qual Cisneros discute a questão da formação de identidades híbridas que emergem em regiões fronteiriças entre os Estados Unidos e o México. E, no artigo “*Eva Perón, uma memória de Antígona*, André Luís Mitidieri e Aldinete Miranda Santos comparam a tragédia grega, escrita por Sófocles, com o drama *Eva Perón*, do escritor argentino Raúl Natalio Roque Damonte Botana Tabora (Copi), sob o ponto de vista da memória, ou seja, sob a luz de mitos a respeito de ambas as protagonistas, reconfigurados pelos dramaturgos em épocas e situações distintas.

A diversidade de escrituras memorialísticas, coligida neste número da revista, mostra a renovação de forma e conteúdo do gênero. Do conjunto de artigos publicados se evidencia o pendor das escritas do “eu” de questionar o passado para entender o presente.

As editoras